

## **A Personalidade na Perspectiva de Frankl e Allers: Contribuições para a Clínica**

Ivânia Aparecida Gusmão

Renata de Fátima Assoni Costa

Francisca Pereira da Cruz Zubicueta

Solange Santos de Freitas

Faculdade Sete Lagoas – FACSETE

Nota do autor

Artigo científico apresentado como trabalho de conclusão do Curso de Pós Graduação em Logoterapia e Análise Existencial Clínica sob orientação da Prof<sup>a</sup> Francisca Zubicueta e da Prof<sup>a</sup> Solange Santos de Freitas, realizado sob a coordenação do Núcleo Mineiro de Logoterapia

## Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar as principais contribuições de Frankl e Allers para o trabalho clínico do psicólogo e expor as possibilidades que a Logoterapia oferece ao desenvolvimento da personalidade. Para isso foi realizada uma revisão teórica sobre a antropologia de Viktor E. Frankl, uma apresentação das principais contribuições da teoria da personalidade de Rudolf Allers para a Logoterapia e a discussão das possíveis contribuições da Logoterapia e Análise Existencial para promover o desenvolvimento e autoconfiguração da personalidade como responsabilidade clínica do logoterapeuta. Realizou-se uma revisão de literatura narrativa a partir de livros de Viktor E. Frankl e de Rudolf Allers. Os dois autores concebem que a pessoa é aberta ao mundo e responde às situações vitais de acordo com um sistema de valores. Frankl coloca que essa característica especificamente humana provém da dimensão noética ou espiritual, defendendo a tridimensionalidade do ser (dimensões biológica, psicológica e noética). É através da dimensão noética que o homem exerce sua liberdade de escolha e responsabilidade frente aos condicionamentos biopsicossociais. Como a personalidade, de acordo com Allers, é compreendida como a qualidade de ser pessoa e a expressão dela, por essa dimensão especificamente humana, o homem encontra-se na condição de autoconfigurar-se, conforme defende Frankl.

Palavras-chave: Logoterapia, Personalidade, Dimensão Noética, Liberdade, Responsabilidade

## **Abstract**

This article aims to present the main contributions of Frankl and Allers to the clinical work of the psychologist and to expose the possibilities that Logotherapy offers to the development of personality. For this, a theoretical review of Viktor E. Frankl's anthropology was carried out, a presentation of the main contributions of Rudolf Allers' personality theory to Logotherapy and a discussion of the possible contributions of Logotherapy and Existential Analysis to promote the development and self-configuration of personality. as the clinical responsibility of the logotherapist. A narrative literature review was carried out based on books by Viktor E. Frankl and Rudolf Allers. The two authors conceive that the person is open to the world and responds to vital situations according to a system of values. Frankl states that this specifically human characteristic comes from the noetic or spiritual dimension, defending the three-dimensionality of being (biological, psychological and noetic dimensions). It is through the noetic dimension that man exercises his freedom of choice and responsibility in the face of biopsychosocial conditioning. As personality, according to Allers, is understood as the quality of being a person and its expression, through this specifically human dimension, man finds himself in the condition of self-configuring himself, as defended by Frankl.

**Keywords:** Logotherapy, Personality, Noetic Dimension, Freedom, Responsibility

## Introdução

O tema da personalidade é de suma importância para o psicólogo, especialmente o que atua na área clínica. Existem muitas e diferentes abordagens que buscam descrever o que é a personalidade. A atuação do profissional deve ser pautada sobre sólido conhecimento teórico-metodológico. Considerando esse aspecto, o aprofundamento no estudo da compreensão e desenvolvimento da personalidade se torna necessário para a melhor qualificação do trabalho do profissional psicólogo.

A abordagem considerada para este trabalho é a Análise Existencial e Logoterapia, terceira escola vienense de psicoterapia, criada por Viktor Emil Frankl, psiquiatra e neurologista austríaco (1905 - 1997). Frankl recebeu forte influência do pensamento do médico psiquiatra austríaco Rudolf Allers (1883 – 1963), sobretudo em sua atuação clínica. Para Allers (1958) “ ‘Personalidade’ não pode, pela própria forma da palavra, significar outra coisa, senão: o ser pessoal de um ente e sua propriedade, se assim nós podemos exprimir, de ‘ser uma pessoa’ ” (p. 21). A partir desta compreensão da personalidade, Frankl acrescenta sua visão antropológica.

O presente artigo tem por objetivo fazer uma revisão teórica sobre a antropologia frankliana e as contribuições da teoria da personalidade de Rudolf Allers para a Logoterapia e Análise Existencial, de modo a apresentar as possibilidades que esta oferece ao trabalho clínico do psicólogo, na intenção de favorecer o desenvolvimento e a autoconfiguração da personalidade de seus pacientes.

Ressalta-se que os termos personalidade e caráter são, muitas vezes, utilizados como sinônimos. De acordo com Allport (1973), personalidade é um termo de origem latina, derivado da palavra *persona*, que significava, originalmente, máscara, aparência, comportamento visível. É o termo mais utilizado pelos teóricos americanos, pois a psicologia americana tende a valorizar o ambientalismo, os comportamentos externos e a ação visível. Caráter é uma palavra de origem grega que significa gravar, sendo considerado o padrão de traços ou estilo de vida de um homem. É um termo mais utilizado

pelos teóricos europeus, que tendem a acentuar o que é inato no homem, o que está profundamente enraizado.

A partir dessa consideração de Allport, percebe-se que Allers, ao falar da psicologia do caráter, está se referindo à sua teoria da personalidade. Ele se debruçou sobre a formação do caráter, ou seja, da personalidade. Frankl, quando se refere ao caráter, considera aquilo que é dado ao homem, ao seu psicofísico. Enfatiza a primazia da pessoa espiritual sobre o temperamento e o caráter, a capacidade que a pessoa tem de configurar a si mesma. Frankl e Allers se referem ao caráter como sendo o aspecto psicofísico. Allers defende que, na relação com o mundo, a apreensão dos valores orienta o caráter. Frankl defende que é a pessoa que se orienta pelos valores, configurando sua personalidade, apesar do caráter.

O estudo foi desenvolvido através da revisão de literatura narrativa a partir da obra de Viktor Frankl e de dois livros de Rudolf Allers. A proposta é trazer uma reflexão sobre a capacidade humana de autoconfiguração da personalidade. Para isso, buscou-se compreender a importância da influência do pensamento de Allers para a compreensão do desenvolvimento da personalidade na teoria de Frankl.

## **Rudolf Allers e a Psicologia do Caráter**

### **Biografia de Rudolf Allers**

Rudolf Allers nasceu em 13 de Janeiro de 1883, em Viena, filho de Augusta Grailich e Mark Allers, também médico. Incentivado pela família, cultivou interesse por arte, música, línguas e leitura. Em 1902 iniciou seus estudos na carreira médica, já interessado em conhecer o mundo humano. Em 1908 entrou em contato mais profundo com a psicanálise através de Otto Pötzl, quando foi trabalhar na Clínica de Doenças Nervosas e Mentais da Universidade Alemã de Praga. Também se casou neste ano com Carola Meitner. Em 1909 é chamado, como psiquiatra, para trabalhar na Clínica Universitária de Munique, onde foi assistente de Alois Alzheimer e Emil Kraepelin, considerado, por alguns, o fundador da psiquiatria moderna. Em Munique, entrou em contato com a fenomenologia e com a proposta antropológica de Max Scheler, afastando-se da psicanálise. Em 1913 iniciou a

docência universitária como instrutor de psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade de Munique. A Primeira Guerra Mundial o leva a interromper suas atividades profissionais na universidade e vai para a frente de batalha como cirurgião. Escreveu seu primeiro livro em 1916 (*Über Schädelschüsse. Probleme der Klinik und der Fürsorg*) sobre traumas físicos e psicológicos gerados nos soldados que sofreram ferimentos na cabeça durante a guerra, onde se evidencia uma investigação sobre a ligação entre problemas fisiológicos e psicológicos. Nessa época também aprofundou seus estudos em filosofia, concluindo pela importância do desenvolvimento de uma antropologia filosófica que fundamentasse a compreensão da psiquê humana (Catter e Batthyány, 2019).

Com o final da I Guerra Mundial, Allers retornou a Viena onde lecionou de 1918 a 1926 no Instituto de Fisiologia e, a partir de 1927, no Instituto Psiquiátrico da Clínica Universitária de Viena. A partir de suas atividades de ensino, pesquisa e atuação clínica, percebia que as escolas de psiquiatria levantavam questões filosóficas e religiosas, o que fez com que ele questionasse a Psicanálise. Entre 1920 a 1922, Allers rompeu definitivamente com a Psicanálise e antecipou as discussões sobre fundamentação filosófica, validade científica e clínica da psicanálise como terapia e visão de mundo. A partir de 1920, juntamente com muitos ex-psicanalistas, ele se aproximou de Alfred Adler e sua Psicologia Individual, tornando-se membro fundador da nova Associação de Psicologia Individual. Conheceu Viktor Emil Frankl nessa época, que também se afastara da Psicanálise por volta de 1925 e se juntou ao círculo de Adler. Frankl foi assistente de Allers entre 1925 e 1926 no Instituto de Fisiologia da Universidade de Viena, participando dos estudos sobre a fisiologia dos sentidos e percepção das cores. Neste trabalho, Allers já considerava a importância da interdisciplinaridade para a compreensão do homem e procurou dar uma base filosófica para a Psicologia Individual. A partir daqui, Allers e Adler começaram a divergir em seus pensamentos. Allers não concordava que a neurose tinha causa única, como proposto por Adler, porque contrariava a importância da interdisciplinaridade na compreensão do comportamento humano defendida por Allers. Para ele, a teoria adleriana era calculada e racional, não considerando as expressões pessoais e

genuínas, vinculando os valores à utilidade social. Assim, para Allers, a Psicanálise e a Psicologia Individual baseavam-se no psicologismo, que explicava os fenômenos humanos somente a partir de um modelo intrapsíquico. A Sociedade de Psicologia Individual ficou dividida entre um grupo que seguia Adler e outro que defendia a necessidade de uma perspectiva antropológica, representada por Allers, Frankl e Schwarz (fundador da psicossomática moderna), marcando, assim, um rompimento oficial com Adler em 1927 (Catter e Batthyány, 2019).

Allers, na medida em que intensificava seus estudos filosóficos, percebia que as teorias psicológicas vigentes em Viena tinham uma compreensão insuficiente e reduzida da pessoa humana e, conseqüentemente, apresentavam limitações quanto à aplicabilidade clínica. Em 1929 publica o livro “La formación de la persona ética. La naturaleza y educación del carácter”, onde defendeu que a evolução do caráter é o fundamento para a pedagogia e psicoterapia, concebendo o homem como um ser capaz de evoluir e apresentando orientações específicas sobre o desenvolvimento e fortalecimento da personalidade. A partir dessa perspectiva, Allers embasou sua obra científica e filosófica sobre as questões antropológicas, que compreendeu o renascimento da metafísica e o interesse essencial naquilo que é o homem. Em 1935 obteve o doutorado em filosofia pela Universidade Católica Sacro Cuore, em Milão. Em 1937, sob influência do psiquiatra americano Francis Braceland, mudou-se para a América, em Washington, e foi lecionar na Universidade Católica da América, sendo muito apreciado por seus alunos. Em 1947, foi chamado a Georgetown para ensinar antropologia filosófica. Aprofundando-se nos estudos em filosofia da psicologia, aproximou-se do movimento europeu da psiquiatria existencial, juntamente com Frankl, Binswanger e Boss. Em 1952 morreu sua esposa Carola e, em 1955, retornou à Europa para lecionar nas Universidades de Paris, Toulouse, Viena e Genebra. Em 1957 foi nomeado professor emérito, lecionando até o final de sua vida. Acredita-se que, desde 1960 ele estava trabalhando em seu último livro, *Mundos Anômalos*, que terminou em 1963. Em 18 de dezembro de 1963, ele morreu aos oitenta anos. Deixou uma extensa e notável obra de 600 artigos e 16 livros (Catter e Batthyány, 2019).

## **A Psicologia do Caráter**

Allers (1958) se preocupou com a origem e desenvolvimento dos conceitos, atentando-se para as confusões entre os significados das palavras caráter, personalidade e pessoa. Para ele, a palavra pessoa exprime o que é o homem, englobando todo o seu ser. A palavra personalidade expressa a qualidade de ser pessoa. Já a palavra caráter significa uma propriedade da pessoa, a forma como a pessoa é percebida e julgada.

Quanto ao caráter, sua natureza pode ser apreendida a partir de uma extensa prática e atenta observação do comportamento da pessoa, compreendendo suas ações, expressões, gestos, fisionomia e traços corporais. Allers considera que todos esses traços não se somam para construir o caráter, mas que o caráter “é uma unidade e um todo e não pode ser algo como uma soma” (Allers, 1958, p. 21).

Para Allers (1958), “o conceito de caráter só pode ser obtido através de uma análise da conduta, na qual ele é visível e reconhecível” (p. 30). Defende a mutabilidade do caráter através de três possibilidades: a conversão religiosa, o tratamento psicoterápico eficaz e as enfermidades orgânicas. Afirma que a pessoa é o núcleo essencial do homem e é imutável, mas limitado em suas possibilidades de manifestação. Assim, deixa claro a importância da distinção entre caráter (mutável) e pessoa (imutável).

A conduta se refere ao posicionamento do “eu” em direção ao “não-eu” para dar-lhe uma forma. O “não-eu” se refere a tudo o que pode ser modificado pelo “eu”, compreendendo o mundo visível de coisas e homens, mundo das ideias, verdades e valores. Toda conduta é uma relação entre o “eu” e o “não-eu” (mundo). Dessa forma, a modificação que o “eu” faz no mundo altera a percepção desse “não-eu” pelo “eu”, gerando novas condutas. Esse movimento nunca se interrompe enquanto durar a vida do homem (Allers, 1958).

A conduta se apresenta a partir de cinco aspectos. O primeiro é o efeito, que se refere à responsabilidade exterior, ou seja, à modificação do mundo promovida pela ação do homem. O segundo aspecto é a posição (responsabilidade interior) que o homem assume dentro do mundo a que pertence (grupo familiar, profissional, Estado etc), a partir de sua



ação. O terceiro é a representação (responsabilidade subjetiva), que se refere à forma que a pessoa experimenta a ação em sua vida (auto-realização, paz, sentimento de dever cumprido, remorso, culpa, auto-reprovação). O quarto aspecto da conduta é a expressão (aspecto fisionômico), aquilo que se manifesta de forma visível no “eu” e se origina de seu psiquismo por ocasião da ação. O quinto e último aspecto é a decisão, que é diretamente ligada ao subjetivo, pois é a decisão de uma pessoa, visível a ela somente a partir de uma autorreflexão e conclusão. (Allers, 1958).

A responsabilidade aparece, aqui, como elemento fundamental para a formação da conduta, pois é uma resposta do “eu” perante essa relação com o “não-eu”, e consequentemente, para a definição do conceito de caráter. A conduta humana se orienta por uma lei universal de valores e se origina a partir de um ato de apropriação de um valor.

Aquela lei de preferência dos valores, apoiado na qual um indivíduo humano orienta sua conduta, não é outra coisa senão o que chamamos caráter. O caráter de um homem é, portanto, uma forma de legalidade de sua conduta, qualquer coisa como uma regra, ou uma norma. (Allers, 1958, p. 39)

Há uma relação entre caráter, ambiente e herança. A fundamentação do caráter passa pela formação da pessoa e por sua representação do mundo, sendo fruto de uma relação objetiva entre o “eu” e o “não-eu”, não podendo ser reconhecido de imediato. A herança genética e o ambiente constituem as condições da pessoa.

Allers (1958) defende que a pessoa é dotada de um núcleo essencial profundo e aponta o autoconhecimento como uma forma de conhecer o homem.

O núcleo essencial mais profundo da pessoa humana, este algo que lhe serve de base, este absolutamente simples, só o podemos conhecer em sua existência, mas, não, compreendê-lo adequadamente em seu modo de ser. E tal limitação não se verifica apenas em nosso conhecimento de outrem, mas, também, no conhecimento de nós mesmos. Na medida em que pudermos conhecer e compreender a nós mesmos, poderemos atingir também (em princípio) um conhecimento do próximo. (p. 42)

Alerta para o risco de se cair no reducionismo e no niilismo quando se olha apenas para um aspecto da constituição do indivíduo, podendo chegar a uma visão determinista e pessimista do ser humano. Defende a importância do papel da educação para a formação do caráter, ressaltando a confiança no potencial que há na pessoa. Esta confiança na pessoa deve ser evidenciada no processo terapêutico e/ou educativo.

Se acreditamos que as exortações, as indicações de erros cometidos, o ensinamento de princípios corretos de vida podem ser úteis à formação, no homem, de um desejado caráter, se acreditamos, em geral, que o homem pode aprender com a experiência, estamos exprimindo, com isso, a convicção de que o conhecimento representa um papel proeminente na formação do caráter. Noutros termos: afirmamos, com isso, o primado do *Logos*. (Allers, 1958, p. 44)

Enfim, para Allers, a compreensão do caráter deve ser fundamentada pela teoria dos valores, pela ontologia e pela metafísica, apoiada em uma ética como ciência da realização dos valores.

## **Viktor Emil Frankl e sua Antropologia**

### **Biografia de Viktor Emil Frankl**

Viktor Emil Frankl nasceu no dia 26 de março de 1905, em Viena, filho do casal Elsa Lion e Gabriel Frankl. Foi precedido por seu irmão Walter e seguido pela irmã Estela. Nessa época, Viena encontrava-se no seu apogeu cultural, científico e intelectual. Sua família era judaica, tendo crescido em um ambiente amoroso e seguro (Herrera, 2021).

Frankl reconhecia, em sua personalidade, as influências das características dos pais e de seus princípios morais na maneira como foi educado.

No fim das contas, sou mais parecido com meu pai. As características que herdei de minha mãe devem ter criado uma tensão na minha estrutura de caráter com aquelas do meu pai. Certa vez, fui avaliado por um psicólogo da clínica psiquiátrica do hospital universitário em Innsbruck com um teste de Rorschach; ele afirmou que nunca havia visto tal amplitude entre extrema racionalidade, de um lado, e profunda

emotividade, de outro. A primeira devo ter herdado de meu pai; a segunda, de minha mãe - é o que suponho. (Frankl, 2010, p. 20)

Já na infância e na adolescência Frankl tinha questionamentos sobre a morte e o sentido da vida, interessando-se por pesquisa e medicina. Era perfeccionista e muito exigente consigo mesmo. Aos 16 anos começou a se corresponder com Sigmund Freud e, aos 19 anos, ingressou na Universidade de Viena para realizar seus estudos em Medicina. Enquanto cursava Medicina, avançava seus estudos sobre a psicanálise e incomodava-se com os conceitos teóricos que colocavam o homem como um ser reduzido em sua capacidade de livre arbítrio e na vontade de sentido. Devido a esse motivo, Frankl se afastou de Freud e se aproximou de Alfred Adler, passando a fazer parte do círculo adleriano e a estudar sobre a Psicologia Individual, contribuindo com estudos sobre a relação entre o sentido da vida e a situação social de homens e mulheres do período pós-guerra de 1914-1918 (Herrera, 2021).

Frankl preocupava-se em colocar seus estudos a serviço da humanidade, contribuindo com a fundação de centros de atendimentos aos jovens que padeciam das consequências da Primeira Guerra (suicídio, fugas do lar). Nesses centros trabalhavam voluntariamente Alfred Adler, Rudolf Allers, Oswald Schwarz e Otto Pötzl (Herrera, 2021).

Enquanto participava da sociedade adleriana, conheceu o pensamento de Max Scheler, que despertou em Frankl a autocrítica de seu psicologismo, fazendo-o considerar as questões filosóficas e antropológicas no contexto psicoterapêutico.

Em 1927, Frankl se afastou de Adler porque defendia a necessidade de uma posição antropológica no trabalho psicoterapêutico, o que não estava em concordância com a teoria adleriana. Estava próximo de Allers e Schwarz, com quem compartilhava esse pensamento e os admirava como seres humanos, sendo influenciado profundamente por eles. Frankl, Allers e Schwarz saíram juntos do círculo adleriano (Frankl, 2010).

Em 1930, Frankl concluiu sua graduação em Medicina na Universidade de Viena. Pela mesma Universidade, recebeu a dupla especialização em Neuropsiquiatria, sempre se preocupando em pesquisar e ampliar sua compreensão sobre o ser humano. Casou-se em

1941 com Mathilde Grosser (Tilly). Em 1942, durante a segunda guerra mundial, Frankl e sua família foram para os campos de concentração nazistas (Herrera, 2021).

Frankl vivenciou os horrores da Segunda Guerra Mundial, passando três anos (de 1942 a 1945) em quatro campos de concentração: Theresienstadt, Auschwitz, Kaufering III e Thürkheim. Seus pais, irmão e esposa morreram nos campos de concentração. Em 1945, com o final da guerra, Frankl retornou ao seu trabalho em Viena, continuou seus estudos sobre o ser humano e escreveu seus primeiros livros, oficializando, assim, a criação da Logoterapia, que veio a ser a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia (Frankl, 2010).

Recebeu os títulos de doutor em Medicina e Filosofia pela Universidade de Viena. Foi professor de neurologia e psiquiatria da escola de Medicina na mesma Universidade. Exerceu função de chefia na Policlínica Neurológica de Viena por 25 anos (Frankl, 2014).

Em 1947, casou-se novamente com Eleonore Schwindt (Elly), com quem teve sua filha Gabriela, que lhe deu dois netos: Alexander e Katharina (Herrera, 2021).

Frankl teve uma vida muito intensa e produtiva. Ministrou conferências por todo o mundo difundindo a Logoterapia. Recebeu títulos honorários de 29 universidades da Europa, das Américas, da África e da Ásia. Foi professor catedrático em Harvard, Stanford, Dallas e Pittsburgh. Publicou 39 livros que foram traduzidos para 43 idiomas (Frankl, 2014).

Frankl faleceu em 2 de setembro de 1997, aos noventa e dois anos, em Viena.

### **Antropologia Frankliana**

A teoria de Viktor Frankl se constitui enquanto Análise Existencial e Logoterapia na medida em que se preocupa com a análise da existência (ou do ser) e de seus conteúdos (*ontos*) e com o sentido (*logos*), o que justifica sua orientação terapêutica mais ativa. Frankl defende a importância de dois eixos fundamentais para a psicoterapia: uma visão de homem (teoria antropológica) e uma visão de mundo (Frankl, 2020).

A antropologia frankliana apresenta o ser humano como um ser biopsicoespiritual, um único ser em três dimensões, sendo a dimensão espiritual ou noética a dimensão especificamente humana, que o coloca em condição de promover a autoconfiguração de sua personalidade.

Frankl (2011) fundamenta sua ontologia dimensional baseado na ontologia de Nicolai Hartmann e na antropologia de Max Scheler, que apresentaram diferenças ontológicas entre corpo, psiquismo e espírito. Ressalta-se que espírito é considerado sem conotação religiosa, mas antropológica, sendo denominado também de dimensão noológica. Para Hartmann, a existência humana se estrutura hierarquicamente numa estratificação (corpo, psiquismo e espírito), onde o espírito é o ápice. Scheler utiliza a analogia de camadas para explicar a existência humana, sendo a camada espiritual o eixo central e pessoal, distinguindo-se das camadas biológica e psicológica. Frankl afirma que as dimensões biológica, psicológica e espiritual (noética) não podem se apresentar separadamente, como estratos ou camadas, mas são como uma unidade antropológica, ou seja, o “homem como unidade, apesar da multiplicidade” (p.33), unidade que se opõe a essas diferenças ontológicas. Ele denomina essa abordagem de antropologia e ontologia dimensional, fazendo uso de uma concepção geométrica de dimensão para explicar e justificar que essas diferenças qualitativas não anulam a unidade da estrutura da pessoa.

A ontologia dimensional é fundada a partir de duas leis. A primeira lei diz que um fenômeno projetado de sua dimensão própria em dimensões “mais baixas” (menos abrangentes na complexidade do que representa), pode produzir diferentes figuras ou compreensões. Da mesma forma, projetar o homem em suas dimensões psicológica e biológica também obterá resultados diferentes e parciais, mas se refere ao mesmo homem, porém ele não está sendo visto em sua integralidade, que inclui a dimensão noética (Frankl, 2011).

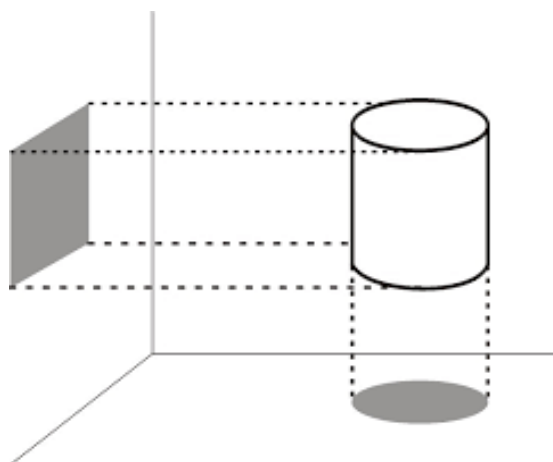


Fig 1 - Representação gráfica da primeira lei da Ontologia Dimensional de Viktor Frankl

A segunda lei diz que diferentes fenômenos projetados de suas dimensões próprias em uma mesma dimensão “mais baixa”, produzirão figuras iguais. Da mesma forma, projetar fenômenos humanos diferentes na mesma dimensão, produz-se resultados parciais, podendo ocorrer uma limitação na compreensão do fenômeno. Por exemplo, de acordo com Frankl (2011), a neurose tem uma etiologia multidimensional, podendo se originar nas dimensões biológica (como no caso de hipotireoidismo), psicológica (neurose no sentido convencional) e/ou noética (neurose noogênia, derivada de conflito de valores e morais), e sua sintomatologia também pode se manifestar em diferentes dimensões. Se uma neurose for somente vista como psicogênica, considerando apenas sua sintomatologia na dimensão psicológica, tem-se uma visão reducionista do homem. Com isso, Frankl defende que o ser humano não deve ser considerado em partes ou por suas projeções, mas de forma integral, ressaltando a importância de um diagnóstico dimensional, como também de uma terapia conduzida de forma multidimensional, que contemple as dimensões biológica, psicológica e espiritual/noética (Frankl, 2011).

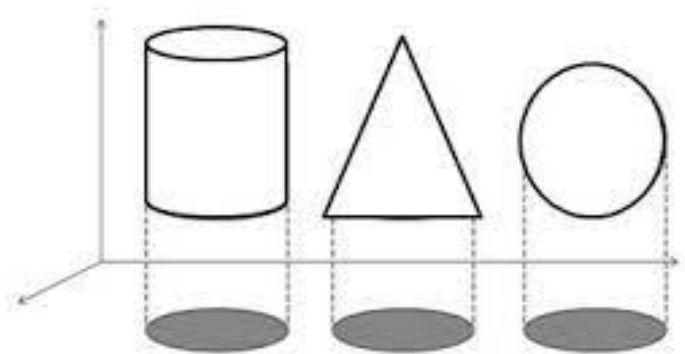


Fig 2- Representação gráfica da segunda lei da Ontologia Dimensional de Viktor Frankl

A antropologia e ontologia dimensional é o ponto central sobre a visão de pessoa para Frankl. Com isso, ele humaniza a psicoterapia, considerando que a Logoterapia é concebida como um complemento e não como um substituto da psicoterapia em sentido estrito. Sendo assim, a Logoterapia também quer contribuir para complementar a imagem do ser humano no sentido de uma imagem do ser humano 'completo', do ser humano em todas as suas dimensões, de uma imagem que inclua a dimensão propriamente humana, a dimensão espiritual. (Frankl, 2019b, p. 83)

Dessa forma, Frankl descreve a tridimensionalidade do ser humano, considerando que a pessoa espiritual, também denominada dimensão espiritual ou noética, é a parte responsável pela síntese unitária do ser.

Frankl (2019a) coloca que a pessoa espiritual é aquilo que há de livre no homem, não adocece e pode, até mesmo, se opor aos condicionamentos biopsicossociais, inclusive "opor-se a toda morbidez psicofísica" (p. 225). É a pessoa espiritual que dá ao homem a condição de se posicionar nas situações, ela é livre e, através dessa liberdade, o homem pode decidir o que fazer com uma tendência instintiva, um condicionamento ou um traço de caráter (entendido como aquilo que o ser humano recebeu no decorrer da vida como herança psíquica).

Dessa forma, considerando o ser humano em sua tridimensionalidade, Frankl (2019a) coloca que a pessoa é livre, sendo o caráter e o temperamento aquilo frente ao qual a pessoa é livre. Frankl defende que o temperamento e a disposição de caráter não são decisivos, mas o que é decisivo é sempre “a tomada de posição da pessoa” (p. 214).

Como a liberdade só existe em face daquilo que não é livre, assim se estabelece o antagonismo psicoonético, que corresponde à possibilidade de se confrontar o espiritual do homem com o seu psicofísico, se necessário (Frankl, 2019a).

A antropologia frankliana se sustenta sobre uma visão de mundo fundamentada em três pressupostos: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida. A liberdade da vontade se refere à liberdade da vontade humana perante os condicionamentos (biológicos, psicológicos e sociais), ou seja, não é uma “liberdade de”, mas uma “liberdade para” tomar decisões diante desses condicionamentos. A capacidade de exercer essa liberdade pertence à dimensão noética, onde se localizam os fenômenos especificamente humanos do autodistanciamento e da autotranscendência (Frankl, 2011).

O autodistanciamento é a capacidade de tomar distância de si mesmo e das situações, favorecendo a autopercepção e a tomada de decisão da pessoa perante os condicionamentos. Pode se manifestar através do humor (habilidade de rir de si mesmo) e atitudes de heroísmo (enfrentamento de quaisquer condições que se apresentam). A autotranscendência é a capacidade do homem de ir além de si mesmo, dirigindo-se a algo ou alguém, realizando valores e sentido no mundo. Manifesta-se através do amor (apreensão do outro ser humano em sua singularidade) e da consciência (apreensão do sentido de uma situação em sua unicidade). Dessa forma, as capacidades de autodistanciamento e autotranscendência definem a humanidade do homem (Frankl, 2011).

A vontade de sentido é a motivação primária do ser humano e pode ser definida “como o esforço mais básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos” (Frankl, 2011, p. 50). É uma orientação humana ao sentido, que se evidencia na existência de uma tensão entre ser e sentido, inerente ao homem e imprescindível à sua saúde mental (Frankl, 2020). Não pode ser dominada, comandada, nem manipulada, mas é



despertada quando a consciência capta um valor no mundo e a pessoa se vê convocada a realizá-lo. Pode-se dizer, então, que o sentido é despontado e brilha diante da pessoa, ele fica à disposição de sua vontade em querer ou não realizá-lo (Frankl, 2016b).

O sentido da vida pode ser definido como “o sentido específico de uma vida pessoal em determinada situação. Cada ser humano é único, e a vida de cada homem é singular; ninguém é substituível, nenhuma vida humana é repetível” (Frankl, 2020, p. 36). A busca de sentido implica na existência do sentido. Frankl (2019a) parte do princípio que a vida tem sentido, objetivamente, e que para acessá-lo é necessário o reconhecimento e a realização dos valores presentes no mundo. Descreve três categorias de valores, que são os caminhos possíveis para encontrar sentido e realizá-lo: valores criativos (que se referem àquilo que doamos à vida por meio de nosso trabalho), valores vivenciais (que se referem àquilo que recebemos da vida por meio de nossas vivências) e valores de atitude (que se referem às atitudes que tomamos diante de situações inevitáveis e imutáveis que se apresentam com o sofrimento, a culpa e a morte, denominadas, por Frankl, de tríade trágica da existência humana).

Para Frankl, a vida tem um caráter de missão, existe um “para quê” viver. Quando o ser humano se depara com essa questão, isso demonstra uma maturidade espiritual, pois significa a coragem de buscar, por conta própria, o sentido de sua vida (Frankl, 2016c). Assim, é o próprio homem quem responde à pergunta sobre o sentido da vida, cabendo a ele a responsabilidade pela sua própria existência.

O sentido é objetivo e está no mundo. Ao ser confrontado com um sentido, o homem é atraído e não determinado pelo sentido, pois é ele quem decide como responder a essa demanda (Frankl, 2021).

Uma vez que cada situação na vida constitui um desafio para a pessoa e lhe apresenta um problema para resolver, pode-se, a rigor, inverter a questão pelo sentido da vida. Em última análise, a pessoa não deveria perguntar qual o sentido da sua vida, mas antes deve reconhecer que é ela que está sendo indagada. Em suma, cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida,

respondendo por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável. (Frankl, 2016a, p. 133)

Com isso, Frankl enfatiza a liberdade como característica fundamental da pessoa e a responsabilidade como a essência da existência humana. Para ele, ser humano é ser responsável. É um ser que nunca é, mas que sempre chegará a ser (Frankl, 2019a).

Na medida em que o sentido da existência humana reside ... na aproximação de existência e essência, não se há de negligenciar o seguinte: nunca se trata de considerar “a” essência, mas a essência “do” homem, que cabe ao homem realizar e representar, a “sua” essência. Trata-se da realização da possibilidade de valor que incumbe a cada indivíduo particularmente. “Chega a ser o que és” não significa somente “chega a ser o que podes e deves ser”, mas também “chega a ser o que só tu podes e deves ser”. Não se trata apenas de que seja um homem - mas de que eu seja eu mesmo (Frankl, 2019a, p. 292).

Existe um campo de tensão entre o homem e o sentido, entre o ser e o dever-ser. Essa tensão é o que Frankl chama de noodinâmica. O ser humano não precisa de uma homeostase, mas de uma tensão existencial que o convoca a encontrar e realizar sentido (Frankl, 2016a).

Nessa dinâmica, o homem é motivado pela vontade de sentido e orientado pela consciência, que é o órgão do sentido. A consciência tem raiz no inconsciente espiritual e possibilita ao homem, primeiramente, uma captação intuitiva do sentido. Somente depois poderá refletir sobre o que foi captado. Enquanto órgão do sentido, é a consciência que guia o homem para uma direção, baseada em um sistema de valores. Os valores são ancorados na camada profunda da personalidade e devem ser seguidos, pois o homem é constituído pelos valores (Frankl, 2019a).

Considerando a tridimensionalidade do ser, Frankl ampliou a compreensão do desenvolvimento da personalidade no homem. Ao apresentar a dimensão espiritual, defende a existência de uma espiritualidade inconsciente, ou seja, um inconsciente

espiritual, que vai além do inconsciente instintivo. Essa espiritualidade inconsciente “é irreflexa e tem uma compreensão imediata de si mesma” (Xauza, 2019, p. 49).

É nesse movimento de exercício da liberdade e da responsabilidade, na captação de sentido e realização de valores, que o homem vai autoconfigurando sua personalidade. Frankl (2019a) diz que “essa orientação para o sentido de toda autoestruturação faz com que a verdadeira personalidade não possa ser concebida senão marcada pelos sentidos e pelos valores” (p. 215).

É a partir dessa fundamentação teórica que a Análise Existencial e Logoterapia se apresenta como uma psicoterapia centrada no sentido, visando o desenvolvimento da pessoa e da personalidade. Frankl (2019a) diz que

O homem tem liberdade em todos os casos; só que na maioria das vezes desiste dela, voluntariamente. É que nem sempre tem consciência da liberdade, mas pode tomar consciência dela. Este é o alvo da Análise Existencial, como análise da existência no sentido da liberdade e da responsabilidade; e apelar para a liberdade, tornada então consciente, é a missão do aperfeiçoamento psicoterapêutico da análise existencial que a Logoterapia apresenta. (p. 211)

### **Resultados e Discussão:**

#### **Contribuições da Logoterapia e Análise Existencial para a Compreensão da Personalidade na Atuação Clínica do Psicólogo**

Frankl foi fortemente influenciado por Allers. Participaram do círculo adleriano, onde mantiveram uma amizade. Foram expulsos em 1927, juntamente com Oswald Schwars, por divergência com os pensamentos de Adler. Trabalharam juntos, sendo Allers seu mestre. Ambos adquiriram o doutorado tanto em medicina como em filosofia. Tinham em comum o desejo de integrar à psicologia e à psiquiatria uma antropologia que contemplasse a pessoa integral, aberta ao mundo e autotranscendente. Ambos autores incorporaram o conhecimento da antropologia de Scheler e da ontologia de Hartman.

Herrera (2021) apresenta que há duas coincidências básicas entre Frankl e Allers: a presença de uma dimensão metafísica na pessoa e uma escala de valores segundo a qual a pessoa responde às situações da vida.

Allers (1958) se dedicou a estudar a formação do caráter. Defendeu a mutabilidade do caráter e reconheceu a imutabilidade da pessoa, sendo esta o núcleo essencial do homem que não é passível de mudança, mas de manifestação. Porém, não descreveu uma dimensão específica para esse núcleo da pessoa. O caráter pode favorecer ou dificultar a manifestação desta pessoa. A mutabilidade do caráter, dessa forma, pode contribuir para a manifestação saudável da pessoa em sua essência.

Para Allers (1958) o caráter pode ser educado, uma vez que ele se forma através da conduta, que é definida na relação do eu com o mundo. Educando e modificando a conduta, o caráter também se modifica. A educação deve ser fundamentada em um sistema de valores, tanto no âmbito pedagógico, como terapêutico, despertando e capacitando a pessoa no processo de atualização de suas potencialidades. Assim, a personalidade se desenvolve e se define como a qualidade de ser pessoa.

Frankl (2019a), quando se refere ao caráter, considera aquilo que é dado ao homem e provém de uma herança psíquica recebida ao longo da vida, representando o genótipo psíquico, e o que o homem faz daquilo que foi recebido corresponde ao fenótipo psíquico. Dessa forma, “o caráter é criado, a pessoa é criativa” (p. 213). Enfatiza a primazia da dimensão espiritual sobre o temperamento e o caráter, a capacidade que a pessoa tem de configurar a si mesma. Traz a contribuição de acrescentar a presença de uma dimensão espiritual (ou noética), própria dos fenômenos especificamente humanos, na dinâmica do desenvolvimento da personalidade. Defende que a pessoa que se orienta pelos valores, configurando sua personalidade, apesar do caráter.

Frankl trouxe para o campo da psicologia e da psiquiatria o conceito de pessoa que ele considera fundamental para a reumanização dessas disciplinas, através da sua antropologia e ontologia dimensional. Enfatizou as diferenças ontológicas, corpo, mente e

espírito, ressaltando a importância da dimensão espiritual como a dimensão livre e especificamente humana.

A partir da descrição do homem como um ser tridimensional, Frankl amplia a compreensão da etiologia das neuroses, afirmando que há uma etiologia multidimensional, ou seja, a neurose pode ser somatogênica, psicogênica e noogênica, sendo esta última originária dos conflitos de valores e existenciais.

Para Frankl, o ser humano é espiritual, aberto ao mundo, livre para se posicionar perante os diversos tipos de condicionamentos e tem como força motivadora a vontade de sentido. A esse respeito, Frankl (2020) afirma que a

(...) existência humana como um ato autocriador corresponde ao pressuposto básico de que o ser humano não simplesmente “é”, mas sempre decide o que será no momento seguinte. Em cada momento, a pessoa humana está forjando e dando forma a seu próprio caráter. Assim, todo ser humano tem a chance de mudar a cada instante. Há a liberdade de mudar, e a ninguém deveria ser negado o direito de usá-la (...). A personalidade individual, em si, é essencialmente imprevisível. A base para qualquer predição seria representada por influências biológicas, psicológicas ou sociológicas. No entanto, uma das principais características da existência humana é a capacidade de emergir e erguer-se sobre todas essas condições, transcendendo-as. Da mesma forma, o homem está, em última instância, transcendendo a si mesmo. A pessoa humana transcende a si própria na medida em que configura seu próprio caráter. (p. 79)

É através dessa liberdade de se posicionar que o ser humano se torna um ser responsável, capaz de autoconfigurar sua personalidade. É assim o faz através de uma consciência afinada e sensível, seu órgão de captação do sentido de cada situação e que intui a melhor resposta.

Dessa forma, a psicoterapia assume papel importante na educação da consciência para a apreensão do sentido e dos valores. Sobre a educação, Frankl (2019a) defende que, além da transmissão de conhecimento, ela deve também contribuir para “o aprimoramento

da consciência, de forma que o homem alcance uma sensibilidade suficientemente apurada para captar as exigências inerentes a cada situação” (p. 31).

Os conflitos, neuroses, doenças, enfim, todos os condicionamentos podem dificultar uma escuta apurada da consciência. Sob esse prisma da educação, a Logoterapia assume um papel psicoeducativo, estimulando o ser humano a exercer atitudes espirituais (autodistanciamento, autotranscendência) e a reconhecer o que lhe aponta a consciência.

Considerando que, para Frankl, as respostas que a pessoa dá às interrogações da vida constituem seu ser, então a capacidade de escutar a consciência e de se posicionar perante uma situação realizando valores, torna-se uma dinâmica importante a ser desenvolvida ao longo da vida. Dessa forma, a Logoterapia, através do trabalho terapêutico e do encontro interpessoal, pode favorecer o desenvolvimento dessa dinâmica, contribuindo com a ampliação do campo de visão do paciente para a apreensão dos valores e sentido contidos no mundo.

É importante ressaltar que o trabalho do logoterapeuta exige do mesmo uma participação ativa junto ao paciente. Uma vez que a abordagem considera a pessoa em sua integralidade, o logoterapeuta deve promover um encontro existencial entre duas individualidades, estando disposto a construir uma realidade única com cada paciente. Em função disso, Frankl explica o processo psicoterapêutico na logoterapia através de uma equação com duas incógnitas ( $\Psi = x + y$ ), onde cada incógnita representa a unicidade da personalidade do paciente e do terapeuta (Frankl, 2016d).

Frankl propôs métodos e técnicas para desenvolver características humanas específicas: o diálogo socrático, também utilizado em outras abordagens terapêuticas, procura favorecer o encontro com o sentido; a intenção paradoxal estimula o autodistanciamento; a derreflexão procura despertar a autotranscendência; o denominador comum se sustenta na escala de valores e ajuda o paciente na escolha por um valor a ser realizado; a apelação procura mobilizar a pessoa espiritual, levando-a à confrontação com o psicofísico (antagonismo psiconoético).

Enquanto abordagem psicoterapêutica, a Logoterapia e Análise Existencial pode se apresentar como específica, quando se dirige ao tratamento das neuroses noogênicas, ou inespecífica, quando contribui para o tratamento das neuroses psicogênicas e somatogênicas (Frankl, 2016d).

Na Logoterapia, assim como em outras abordagens, há técnicas e métodos que viabilizam o processo psicoterápico, mas Frankl reforça a importância do tipo de relação que se estabelece entre o paciente e terapeuta, ressaltando o encontro entre duas humanidades (Frankl, 2011).

A clínica logoterapêutica se torna este espaço de promoção, preservação ou restauração da saúde mental, evidenciando a tensão entre ser e sentido (noodinâmica) e favorecendo, ao paciente, o confronto com o sentido de cada situação (Frankl, 2020).

A psicoterapia busca trazer à consciência do paciente aquilo por que ele realmente anseia na profundidade de seu ser. Ao tornar algo consciente, contudo, a logoterapia não se restringe ao inconsciente instintivo, mas também se ocupa das aspirações espirituais do homem: ela tenta provocar seus esforços por um sentido na vida e esclarecer esse sentido, o sentido de sua existência. (Frankl, 2020, p. 41)

Sob essa perspectiva, pode-se entender que a saúde mental não é um fim em si mesmo, mas uma consequência de uma existência com sentido, de uma vivência do ser humano em sua integralidade.

### **Considerações Finais**

Viktor Frankl, ao desenvolver a Análise Existencial e Logoterapia, iniciou um novo movimento psicoterapêutico. Assim como Allers, traz para o espaço da psicoterapia e da psiquiatria uma antropologia filosófica que compreende o homem como um ser aberto ao mundo.

A teoria frankliana amplia a compreensão do ser humano, considerado como tridimensional, podendo complementar outras abordagens. O logoterapeuta deve ter o cuidado de acolher e compreender o ser humano em sua integralidade, buscando promover a descoberta e a realização das potencialidades do paciente.

Sob a perspectiva da abertura do ser humano ao mundo, a Logoterapia clínica se insere na tarefa de contribuir para que o homem se encontre com sua responsabilidade em ser livre. Respondendo adequadamente à vida, sendo o que ele pode e deve ser, o homem autoconfigura sua personalidade.

Esta pesquisa não pretendeu esgotar o assunto, dada a complexidade do tema, mas permitiu conhecer a influência de Rudolf Allers na trajetória de Viktor Emil Frankl, bem como o caminho feito por este ao elaborar sua proposta teórica em torno do conceito de pessoa e de personalidade.

Considerando a influência de Allers na obra de Frankl, acredita-se que seja importante o aprofundamento no conhecimento da obra de Allers para o trabalho do logoterapeuta.

### **Referências Bibliográficas**

- ALLERS, R. (1958). *Psicologia do Caráter*. (N. L. Rodrigues, trad.). Livraria Agir Editora.
- ALLPORT, G. W. (1973). *Personalidade: padrões de desenvolvimento*. EPU.
- CATTER, J. O. e BATTYÁNY, A. (2019). Rudolf Allers: esbozo biográfico. In ALLERS, R. *Mundos Anómalos: un ensayo de fenomenología psiquiátrica* (pp. 11-24). Arequipa.
- FRANKL, V. E. (2010). *O que não está escrito nos meus livros: memórias*. É Realizações
- FRANKL, V. E. (2011). *A Vontade de Sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. (I. S. Pereira, trad. Ed. Ampl.). Paulus.
- FRANKL, V. E. (2016a). *Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Vozes
- FRANKL, V. E. (2016b). *Psicoterapia e Sentido da Vida: fundamentos da psicoterapia e análise existencial*. Quadrante.
- FRANKL, V. E. (2016c). *Sede de Sentido*. Quadrante.
- FRANKL, V. E. (2016d). *Teoria e Terapia das Neuroses: introdução à Logoterapia e à Análise Existencial*. É Realizações.
- FRANKL, V. E. (2019a). *O sofrimento Humano: Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. (R. Bittencourt & K. Bocarro, trad.). É Realizações.



FRANKL, V. E. (2019b). *A Psicoterapia na Prática: uma introdução casuística para médicos*.  
Vozes.

FRANKL, V. E. (2014). *Logoterapia e Análise Existencial: textos de seis décadas*. Forense  
Universitária.

FRANKL, V. E. (2020). *Psicoterapia e Existencialismo: textos selecionados em Logoterapia*.  
É realizações.

FRANKL, V. E. (2021). *A falta de sentido: um desafio para a psicoterapia e a filosofia*.  
Auster.

PAREJA HERRERA, G. (2021). *Viktor Frankl; comunicação e resistência*. (M. M. Chigutti e  
T. O. Chigutti, trad.). Busca Sentido.

XAUZA, I. A. M. (2019). *O Sentido dos Sonhos na Psicoterapia em Viktor Frankl*. Artesã.